

Que é Europa, Ocidente?

Gilvan Vogel

Nenhum fazer é nosso, realmente. Todo movimento alonga um erro, quando o intento do destino não decide.

J. G. Rosa, *O dar das pedras brilhantes*,
em *Estas Estórias*

Oi, Márcia, você sabe: “O sertão é do tamanho do mundo”¹. Diz-se, no sertão nasceram Shakespeare, Goethe, Cervantes, Dostoiévski. Dizem, também Platão, Aristóteles, Kant. “O sertão é do tamanho do mundo!” Será mesmo? Então, seria até maior que a Europa?! A Europa *cab*e, *cab*eria no sertão?! Bem, mas isso já é o fim da estória. Esperemos sua vez e hora. No começo – não, não era o verbo. É, era só, tão só uma coceira no espírito ou, você sabe, como se diz ainda lá no Ceará, em bom *cearês*, um aperreio, uma arrelia, uma gastura. *Acho*, é o seguinte:

1. Queremos entender a identificação entre filosofia e Europa. Entre filosofia e Ocidente. Queremos entender como e porque a filosofia é europeia, a *marca* Europa *ou* Ocidente. Esta identificação, esta marca, este *ser* europeu ou ocidental quer dizer que a filosofia *funda* Europa, Ocidente. Funda, quer dizer, abre, instaura, inaugura e pontua a existência temporal ou histórica disso que se denomina Europa. Mas o que acontece então, isto é, o que realmente se abre, se instaura, se inaugura? Em última instância, que é filosofia? Se procede o que se disse, só se entende Europa, Ocidente, se se entende que é filosofia. Filosofia começa não sendo uma *disciplina*

¹ Cf. Rosa, J.G., *Grande sertão: Veredas*, (Rio: José Olympio, 1968), 59.

acadêmica, uma *matéria* ou cátedra universitária, mas *um modo de ser de vida, de existência humana*. Seria, então, a partir de seu surgimento, um modo *novo* de ser – de ser homem? Novo?!

Nos manuais de história da filosofia costuma-se aprender que a filosofia nasce na Grécia antiga e o que caracteriza o seu nascimento é a passagem do mito para o *lógos*. Ou seja, a passagem de um modo de ser homem, no qual o que se denomina mito é como que o princípio organizador de toda realidade, para o modo de ser, no qual o que se chama *lógos* passa a ser tal princípio. Para que se entenda o sentido desta *passagem*, desta mudança, claro, é preciso que se entenda o que é mito e o que é *lógos*. Costuma-se definir mito como o domínio da fantasia, isto é, da louca da casa. Entenda-se: a vigência da *compreensão* ou da organização de realidade, de sua geração ou origem, na qual impera o alegórico, o imaginativo, a fabulação, o relato, a *estória*. A entrada do *lógos* (discurso, linguagem) é a passagem para o próprio elemento do pensar, quer dizer, um distanciar-se da pura e mera percepção sensível, e, ao mesmo tempo, o ingresso na dimensão do não fabulatório, do não alegórico. Tal é a formulação não mais segundo o manual de história da filosofia, mas, de modo geral, nas cunhagens de Hegel e de Nietzsche. Com o começo da filosofia, com a entrada na vigência ou no domínio do *lógos*, dirá ainda Hegel, “está aquietada a imaginação selvagem, infinitamente colorida, de Homero”² – sim, entra-se no puro elemento do pensar, ou seja, “chega-se à consciência de que o um é a essência, o verdadeiro, o único que é em si e para si. Começa aqui um distanciar-se daquilo que é em nossa percepção sensível; um afastar-se deste ente imediato, um recuar diante dele”³.

O fato é que, voltando à manualística, este surgimento da filosofia, sendo marcado por tal passagem, caracterizar-se-ia como a saída, a *superação* do i-rracional (= mito) e a entrada no racional (= *lógos*). Assim, por esta via, ingressa-se ou ingressar-se-ia no domínio do saber autêntico, da ciência propriamente dita. Mas e razão, racional – o que é isso? Como? É fato ainda que o i-rracional do mito, da narrativa ou da *estória*, é definido como tal já a partir da determinação de razão que se diz ser o *lógos* e esta determinação, por sua vez, é entendida ou subentendida como, no processo de compreensão e de organização de realidade, a vigência da articulação lógico-causal

² Cf. Hegel, G.W.F., em *Os Pensadores*, vol. I, *Os Pré-socráticos*, (São Paulo: Abril Cultural, 1973), 15.

³ *Ibid.*

que, ao longo da história, ficará ainda caracterizada pelo poder ou pela dominação dos princípios de identidade, não contradição e razão suficiente. *Grosso modo*, esta estrutura caracteriza a razão, operando como *intelecto calculante*, ou seja, como a ação que cria e estabelece condições para, por antecipação ou previamente, *poder contar com*, quer dizer, assegurar-se. Seria a filosofia, desde seu nascedouro, a dominação deste cânone – do cálculo?

Na mencionada formulação de Hegel, chama-nos a atenção a fala de *distância*, *afastamento*, *recuo* em relação à percepção sensível, imediata, isto é, em relação ao que habitualmente chamamos *o real*. Isso caracterizaria o surgimento do *lógos*, a irrupção da filosofia, o ingresso no puro elemento do pensar. Mas e isso – o que significa propriamente?

A entrada da filosofia na vida do homem, o que funda Europa, faz-se através de um *salto*. Salto, quer dizer, a passagem i-mediata, a entrada súbita em uma *outra*, em uma *nova* dimensão da própria vida, da própria existência humana. A vida, a existência humana caracteriza-se como um salto, isto é, como um acontecimento súbito, i-mediato. Com a filosofia, porém, parece que a vida, de novo, agora, salta para dentro dela mesma, afundando nela mesma ou indo mais fundo ao seu próprio fundo – o abisso, isto é, o súbito, o imediato. De novo, o salto. Que é isso? Como?

É possível que a irrupção do *modo de ser lógos* seja o acontecimento que é o dar-se conta, por parte do homem, que a realidade vigente que o circunda, isto é, a *sua* realidade, o mito, o *mundo mítico* – enfim, que este modo de ser é *lógos*, quer dizer, é *sentido* (discurso, linguagem). Tal acontecimento, tal *percepção* marcaria aquilo que, na citação acima de Hegel, foi denominado *distância*, *afastamento*, *recuo*. Este súbito afastar-se do mundo mítico circundante não se caracteriza como uma negação, no sentido de recusa e repúdio, do mito, mas, certamente, de vê-lo *como tal*, isto é, como o *sentido* (*lógos*) que ele é. Antes de ser recusa, repúdio, trata-se de uma superação, isto é, de um atravessamento, no sentido de um perpassamento que, antes, *agrava*, *intensifica* este modo próprio de ser do homem, da vida ou da existência humana, a saber, o mito. Tal agravamento, tal intensificação é justo o evidenciar-se que mito, enquanto e como a realíssima realidade circundante, é *lógos*, isto é, sentido, discurso, linguagem. Nisso já há, sim, um afastamento, um distanciamento, um recuo. Mas para entrar mais, afundar mais – *ver*. É, sim, a passagem, o salto para uma outra dimensão no e do próprio viver, existir.

Para *ver* é preciso fazer-se *distância*. Colado à coisa ou *dentro* dela, confundido com ela, não a vejo. Portanto, não a *distância* que aparta, no

sentido do isolar, mas, paradoxalmente, um distanciar-se que, em distanciando, aproxima, pois possibilita ver à boa e necessária distância (isso é a teoria, que, talvez, seja ver como os deuses veem, isto é, à *boa* distância!). Afasta, distancia e, no próprio ato de distanciar, de afastar, aproxima, pois cria a condição *sine qua* para ver, para tornar visível – o que, pois, a proximidade excessiva não permite. E, neste quadrante da vida, que é a irrupção da filosofia, surge a pergunta que marca a filosofia e que marca igualmente esta entrada funda, mais funda no fundo (sem fundo, abissal, pois súbito, *salto*) da própria vida, da própria existência: *Que é, como é sentido, lógos?* Com esta indagação, inaugura-se a aventura da filosofia enquanto e como a *viagem*, isto é, a *experiência* (“Erfahrung”) da interrogação pelo sentido (*lógos*) de sentido (*lógos*). Começa, abre-se o *tempo* (= história) do fazer-se da gênese de gênese, da vida da vida – a filosofia, o pensamento. O sentido funda, é princípio (“arché”) de toda realidade possível. A este acontecimento súbito, Hegel chama o nascimento do Espírito. Isso, o *sentido*, o *lógos*, aparece, mostra-se *como tal*, isto é, *nele mesmo*. É o *exercício de ver o ver*. Revela-se: sim, no começo era o verbo, a palavra, o *lógos* – a *força*, a *ação*, dirá ainda Goethe. E esta viagem (*experiência*) será a história da Europa (do Ocidente) enquanto e como a história da filosofia. E o que significa isso?⁴

⁴ À guisa tão só de uma nota, observa-se o seguinte: a negação do mito, relegando-o ao *status* de estória ou *coisa* inverídica, isto é, como coisa meio primitiva, alienada, etc, é um episódio posterior, *iluminista*, quando se quer confrontar o mito, a estória relatada, com algum possível estado de fato de uma pré- e pro-posta cronologia, confrontá-lo e avaliar sua eficácia, sua veracidade (i.é, correspondência, adequação) com alguma ocorrência *objetiva, lá atrás*. Quando isso se dá, já ocorreram muitas outras coisas, mas, sobretudo, um corte entre homem e real, sentido e realidade, constituindo cada qual um plano estanque ou cada qual um estrato, que, em suma e por fim, será definido como, de um lado, o sujeito (o mito, o homem, a fantasia) e, de outro, o objeto (o *real*), as *coisas* ou *ocorrências historiográficas*. É isso, também, o que Nietzsche, em *O Nascimento da tragédia*, chamou socratismo, platonismo (na verdade, considerando o episódio, trata-se do *euripidismo*, i.é, o domínio do “sacrílego Eurípides”), que define igualmente o nascimento da historiografia, da crítica histórica e do espírito objetivista, que procura identificar alguma narrativa mítica com algum *fato histórico*, com alguma ocorrência fatal em alguma data, em algum calendário. Pode-se dizer que nasce aí o “idiota da objetividade” (Nélson Rodrigues). Esta é uma outra e, no fundo, a mesma direção de encaminhamento do tema. Nietzsche, com clareza e agudeza meridiana, escreve: “Pois é o destino de todo mito arrastar-se pouco a pouco na estreiteza de uma suposta realidade histórica e ser tratado por alguma época ulterior como um fato único com pretensões históricas... esta é a maneira como as religiões costumam morrer: quando os pressupostos míticos de uma religião passam a ser sistematizados, sob os olhos severos e

2. No *Hipérion*, de Hölderlin, quando o assunto é o surgimento da filosofia e a fala do grego como “o povo filosófico”, ouve-se isso, através de Diotima: “A grande palavra, o *en diafero eauto* (o um diferenciado em si mesmo), de Heráclito – isso só um grego podia encontrar, pois *isso* é a essência da beleza e, antes de tal palavra ser encontrada, não havia filosofia alguma. Agora podia-se determinar – o todo estava aí. A flor desabrochou, *amadureceu*; agora podia-se dividir, cortar, retalhar (“*zergliedern*”)”⁵.

O “um diferenciado em si mesmo”, de Heráclito, segundo doxografia de Platão, Banquete, 187a, é um outro modo de dizer o “tudo é um”, que Hegel e Nietzsche veem na frase de Tales (“Tudo é água”), e que marcaria o surgimento da filosofia. E que *um* é este, que se difere em si mesmo, se *altera* ou se *outra*, e que é tudo, tudo quanto há, a *multiplicidade*? É o *lógos*, que não é uma coisa, uma substância ou um algo (uma *ocorrência*, um *subjectum* ou sujeito) subsistente, *atrás* do que aparece, há, dá-se. O *lógos*, o *verbo* (ação, força, na poética de Goethe) determina-se justo como o sentido, que é o *expor-se* ou o *superficializar-se* de um modo de ser, o sentido, a *força*, que possibilita tudo que aparece e se mostra *tal como aparece e se mostra*. Este sentido é o que torna ou faz visível todo visível, isto é, tudo quanto aparece, mostra-se, há, dá-se. Este sentido, o *lógos*, é este modo possível de ser de vida, de existência, que *em si mesmo é aparecer, mostrar-se, isto é, alterar-se, diferenciar-se* ou *outrar-se*, para usar um insólito verbo, criado por Fernando Pessoa⁶. O sentido (*lógos*) é só aparecer, irromper – sempre súbita e i-mediatamente, abissalmente. *Pura* (= simplesmente) transcendência. Portanto, em pura doação, em *absoluta* gratuidade. Ele só é e há enquanto e como aparecer ou revelar-se (dar-se, transbordar-se) como tal *nisso ou naquilo, como isso ou aquilo* – realizando-se, singularizando-se. Ser é aparecer. Ser-aparecer.

racionais de um dogmatismo ortodoxo, como uma suma acabada de eventos históricos... quando o sentimento para com o mito morre e em seu lugar entra a pretensão da religião a ter fundamentos históricos” (Cf. Nietzsche, F., *O Nascimento da Tragédia*, nr. 10).

⁵ Cf. Hölderlin, F., *Hyperion oder der Eremit in Griechenland*, Erster Band, Zweites Buch, in *Sämtliche Werke*, Band I, (Wiesbaden: Emil Vollmer Verlag), 490; *Hipérion ou O Eremita na Grécia*, Tomo I, livro 2, trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback (Gen/Forense Universitária), 117.

⁶ Cf. Pessoa, F., *Ficções do Interlúdio, Nota preliminar*, em *Obra Poética*, volume único, (Aguilar Editora, Rio de Janeiro, 1974), 198. É dito, então: “... nas *Ficções do Interlúdio*, predomina o verso. Em prosa é mais difícil de se *outrar*”. Ibid. em *Livro do Desassossego*, (Companhia de bolso, SP., 2006), 521.

Sentido começa sendo o participio passado de *sentir* e, assim, de cara e num sentido (!) muito geral, é *coisa* (!) ou *algo* (!) que se sente, isto é, pelo qual se é tomado, acometido. Assim, *lógos*, o sentido, nos vem, sobrevém, nos toma ou acomete. *Tem*, é, pois, a forma, a estrutura do afeto, do *páthos*. E, ainda de modo muito geral, entende-se sob sentido, à medida que se é tomado ou acometido por um determinado modo de ser (o próprio sentido, *lógos* ou *mundo*), uma dinâmica de *antecipação* de realidade, um poder colocar-se *previamente* no próprio movimento de realização de realidade, o que se constitui também em *orientação*⁷. Orientação, isto é, *Oriente*, nascente, nascimento – gênese. No caso, gênese ontológica, ou seja, irrupção de sentido de ser. Com a irrupção do sentido para o próprio sentido (o surgimento da filosofia, como se expôs) o homem, a vida, faz-se partícipe de sentido, isto é, da gênese de realidade e, então, porque vida é gênese, faz-se, torna-se gênese de gênese, vida da vida – de novo, o pensamento, a filosofia. Este é o acontecimento grego – a Europa. Nesta participação, co-originariedade, con-sanguinidade, pois. *Concretude, com-crescência*, diria Hegel. O *Espírito*, só o Espírito é concreto, o concreto, pois só ele *cresce com o real (com-cresce)*, ou seja, co-faz e per-faz a realização de realidade. E isso é *experiência* – o ser tocado e tomado pela vida do real. História.

3. Mas, na passagem citada de Hölderlin, queremos destacar e procurar esclarecer algo que soa desconcertante. Ele diz que “só um grego podia encontrar tal palavra”, a saber, o “um em si mesmo diferenciado”, o “tudo é um”, ou seja, *só* um grego podia chegar à filosofia – em suma a filosofia *só* podia ser grega! Só pode ser grega?! O que quer dizer isso? Será reserva de mercado? Povo eleito?! Vontade de Deus?! Discriminação, preconceito, *exclusão* política, social, racial? *Coisa de elite branca*?! Eurocentrismo?!

Evidentemente, a filosofia, quer dizer, a *visão* do *um diferenciado em si mesmo* ou do *tudo é um como tais* (a irrupção do sentido para o sentido, o surgimento do *Espírito*) – isso, este modo de ser é uma dimensão *possível* do homem, da vida ou da existência humana, e, enquanto tal, é *coisa*, isto é, possibilidade de todo e qualquer homem, de todo e qualquer povo. Mas, diz ainda Hölderlin em outra passagem, “só o grego é o povo filosófico”⁸. Como? Por quê?

⁷ Orientação vital, existencial, e não meramente geográfica. A geográfica, os cruciais pontos cardeais, crescerá disso, nisso. É neste sentido de orientação que se pode falar igualmente de *gênese ontológica*, quer dizer, irrupção de ser.

⁸ Cf. Hölderlin, F., op. cit., pág. 489 e 115, respectivamente.

Num fragmento de Heráclito lê-se: “Se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso”⁹. Ser *na* ou *à* espera é, de algum modo, *já* estar à busca, isto é, de algum modo, *já* ser ou estar *na e desde a* própria coisa buscada, esperada. *Já* aí e assim lançado, jogado – pois, caso contrário, como poderia pôr-se à espera?! O *já*, esta particulazinha, esta *nonada* ou este *ossinho de borboleta* – enfim, o *já* é o decisivo. Ele é que responde pelo *de algum modo*, acima falado. E decisivo porque ele fala do prévio, ele aponta para o *modo de ser por antecipação*, e isto à medida que ele fala, ele revela o súbito, o salto (*então*, o círculo, a inserção e o afeto), que sempre já me pôs ou me jogou na dimensão, no modo de ser do *esperado*, do *buscado* – sem o que eu não poderia esperar, buscar! Esta formulação, no entanto, pode induzir a erro, a mal-entendido. Pois não há um *quê* (“quid”, “ti”) pré- e proposto. E muito menos se trata do pre-posicionamento ou pro-posicionamento de um tal *quê* por parte do homem, no sentido de uma intenção, de um propósito, de uma ação deliberada de seu entendimento ou de sua vontade. Aqui, no caso, o homem não antecipa nada, nenhum *quê*. *Não pode*. Não está no seu poder, na sua *faculdade* de deliberação. O homem é e está nesta possibilidade, a saber, ser ou estar no sentido (*lógos*) e no sentido do sentido, à medida que é homem, *porque* é homem, uma vez que tal possibilidade o é da vida, da existência humana. Assim e por isso, não é, não se trata de um ato de sua vontade ou de seu entendimento. Nisso ele nada pode, pois absolutamente o transcendente, o ultrapassa ou sobrepassa. Cabe a ele só e tão só assumir, tomar sobre si *isso* que assim lhe vem, lhe sobrevém e, assim, se lhe toma, se lhe acomete. Há, sim, uma *pura* espera, um puro e *só à mercê*, sem nenhum *quê* pré- ou pro-posto. Esta pura, esta *só* espera é realmente a *espera do inesperado*.

O que é dito é que o grego e só o grego já estava no *interesse* deste modo de ser e, então, por ele já tomado e desde ele já sendo e fazendo, agindo. No interesse, i.é, na pré-ocupação desta possibilidade e, assim e por isso, já tomado e movido ou promovido por tal possibilidade, por tal modo de ser. *Interesse* é um outro e oportuno nome para dizer este modo desconcertante de ser do homem, a saber, *inserção e afeto*, que é *obra* do súbito, do salto, do i-mediato – de doação e transcendência. A filosofia, como tudo que é grande na vida, não é resultado de evolução, de movimento gradativo do mito, da religiosidade, das cosmogonias, etc, etc., para a filosofia. Não foi

⁹ Heráclito, frag. 18, Diels, trad. C. Leão.

pouco a pouco, *de vagarzinho*, que se passou do *mundo mítico* para a vigência do mundo filosófico, do *lógos* filosófico. Não. Isso é abordagem, compreensão de estudioso e de especialista, de *racionalista*, que gosta das deduções, das mediações e intermediações. Este procedimento evolutivo e dedutivo, este *método*, sempre possibilita controle do fenômeno, garante garantia! Tal acontecimento, o surgimento, a irrupção da filosofia, como todo acontecimento, deu-se *de repente, subitamente* – num *salto*. “Mit einem Schlag”, isto é, “com uma porrada”, diria Leibniz – ou o Fernando Pessoa. Portanto, entre mito e filosofia, entre religião, cosmogonias, etc, e filosofia não há transição gradativa e elo perdido, pois é *de repente*, subitamente que irrompe este modo de ser – de ser homem, de viver, a saber, a filosofia ou a pergunta pelo sentido de sentido, o exercício de ver o ver. *Este é outro e novo grau de tensão vital* – a Europa, o *européu*. Com isso, está-se dizendo que o *único critério, a única medida para ver, compreender, julgar a filosofia é a própria filosofia*. Aqui, mais uma vez, Hegel, em seus diversos cursos sobre *História da filosofia*, nos dá uma grande lição. Com ele se aprende que o único real, autêntico e *justo* historiador da filosofia é o próprio filósofo – e só ele. Pois só ele vê e fala de filosofia desde a própria filosofia, no e desde seu real *interesse* ou desde o próprio *elemento do pensar* e, assim, realiza, cumpre o *tempo* da filosofia, isto é, cumpre e realiza sua verdadeira realização histórica, seu autêntico devir. E o filósofo é o autêntico historiador da filosofia à medida que ele, desde ela mesma, dela se apropria (a interpreta) e, então e assim, interpretando-a, a continua. Promove o seu devir, que é seu porvir.

4. “[...] *isso* só um grego podia encontrar, pois *isso* é a essência da beleza [...]” O dar-se conta, o ver a multiplicidade, tudo quanto é e há, como o jogo de diferenciação ou alteração do um; o dar-se conta, o ver que o um é o expor-se e realizar-se de sentido, de *lógos*, enfim, a palavra, a cunhagem, à qual só um grego podia chegar (“tudo-um”, “hen kai pan”) – *isso* constitui igualmente a *essência da beleza*. E a frase sobre a beleza ainda é introduzida com um “pois”, que dá o sentido de evidente e natural decorrência. Uma espécie de óbvia consequência do fato de o grego e só o grego chegar à visão de “o um diferenciado em si mesmo” – “*p o i s* *isso* é a essência da beleza”! E *isso*, este “óbvio”, se deve ao fato que a irrupção de o “um diferenciado em si mesmo”, a beleza, é cumulação, acabamento do caminho – a flor estava toda aberta, desabrochada. Perfeito, per-feição, perfazimento de caminho. Assim, evidencia-se, o caminho pôde tudo que podia poder. O caminho do

homem para o homem, isto é, para o seu modo próprio de ser, o ver, o olhar, que é pura irrupção, pura afloração – gratuidade, *beleza*.

Perguntemos o que é, como é beleza e a essência da beleza – no texto, no contexto de *Hipérion*, o que se caracteriza desde e como “Natur” (“natureza”, “*physis*”). Beleza é vista, sentida ou experimentada como a pura eclosão, a pura irrupção – o puro e simples aparecer, iluminar-se, em puro e simples transbordamento, em só e tão só pura superabundância. O “puro”, escandido pela repetição, quer justamente dizer isso: *simplesmente, só, tão só*, quer dizer, *súbita e i-mediata em transbordamento, superabundância e doação*. Ora, mas por que todo este enlevo, todo este deslumbre ou *desbunde*? Será tempestade em copo d’água? Em castiço: será absurda desproporção entre o *quantum* da causa e o efeito?! Ou transporte, enlevo místico? Nem tão exagerado e nem tão místico. Talvez, por um lado, algo muito simples, singelo. Por outro, com certeza, nada de arroubos místicos, mas uma *visão*, uma *sacada*, que se mostra desde e como o olhar de Heráclito, ou seja, “incandescente para dentro e gelado para fora” (Nietzsche). Ou, diria ainda Hegel, “paixão fria”.

5. Façamos um adendo. É espantoso, é extraordinário! O homem não se espanta do homem – *como* o homem! Ele é o único vivente que vê. Sua *dignidade*, seu próprio está no ver, é ver. Esta é sua excelência, sua identidade – ele vê. E isto quer dizer: porta, pedra, árvore, cachorro – tudo que não é ele, o homem, aparece, se mostra para ele igualmente sendo, isto é, aparecendo, mostrando-se *como tais*, isto é, *como* cachorro, *como* árvore, *como* pedra, *como* porta. Estranho! Só o homem é isso, só ele é assim! Isso é espantoso, extraordinário! E ele *pode* dar-se conta disso e assim, ou seja, ele *pode* aparecer para si mesmo como tal *vidente* e *pode* ser e estar na *visão*, na compreensão (*sintonia* com as coisas) das coisas aparecendo e sendo como tais, isto é, como sendo e aparecendo. Isso é extraordinário. E como não espantar-se disso e com isso a toda hora?! Não, a toda hora não, pois seria um bobo, talvez um bobo alegre. Mas pelo menos de vez em quando, pois só tal espantar-se a respeito de sua própria condição ou situação de homem ou de vivente *vedor* – só isso o *reconduz* ao seu próprio acontecer, ao seu lugar de origem, ao ponto e à hora de sua irrupção, ao seu lugar e à sua hora a-bissais (gratuitos), à instância fundadora ou inauguradora de sua situação ou condição inalienáveis. Foi celebrando um tal instante, que, em hora ímpar e feliz, deu-se esta exclamação:

Uma árvore irrompia. Ó pura irrupção! Pura transcendência!¹⁰

E, por nossas plagas, repetindo a mesmíssima experiência, ao ver “um anjelim que atira para cima cinquenta metros de tronco e fronde”, nosso vate cria e brada o “absurdo vocativo em direção à altura”:

Ó colossalidade!¹¹

Transcendência. Colossalidade. Fechemos o parêntese. Chega de adendo. Enlevo?! ...

6. Outro nome para o irromper de beleza, para o evidenciar-se de “o um diferenciado em si mesmo” ou o “tudo é um”, é *alétheia* – desvelamento, descoberta, desencobrimento, “verdade”. Com a irrupção, pois, de “o um diferenciado em si mesmo” ou do “tudo é um”, fundador de Europa, do modo de ser europeu, irrompe ou acontece igualmente “verdade”, *alétheia*. Não que este acontecimento some-se àquele, como um outro, engrossando ou espichando uma cadeia de eventos numa *evolução*, em *progresso*. Não. É um único e mesmo acontecimento, um único e mesmo instante fundador, instaurador de um novo modo de ser, a saber, este de ver e ver o ver, que é a passagem, o *salto* para *dentro* da própria vida, realizado por esta dimensão emergente, que virá a ser denominada filosofia.

E *alétheia* não é meramente um outro nome para dizer “verdade”, nome para o qual Heidegger teria nos alertado e que, a partir de então, tenhamos nos tornado ventríloquos de Heidegger. Não. É um nome ou uma denominação que aponta para um *outro modo de ser homem*, para uma *outra e radical experiência de vida, de existência*. Um modo de ser, uma experiência na qual ou desde a qual a própria vida, a própria existência vem à fala e se mostra *como tal*.

Alétheia, termo habitualmente traduzido e entendido como *verdade*, não remete, como habitualmente verdade remete, a um estado de fato externo, objetivo, isto é, pertencendo objetiva e *propriamente* às coisas externas (ou internas!) e de fato, como uma ocorrência, como um dado ou uma propriedade objetiva (ou subjetiva!), cujos enunciados precisam ser comparados e confrontados com as próprias coisas objetivas ou objetivadas

¹⁰ Cf. Rilke, R. M., *Sonetos a Orfeu*, I. “Ein Baum stieg. O reine Übersteigung!”

¹¹ Cf. Rosa, J. G., *São Marcos, em Sagarana*, (José Olympio: Rio, 1978), 238.

(também o subjetivo é objetivado) visando uma *checagem*, uma confirmação, ou seja, a fixação ou a verificação da verdade da coisa e na coisa. Assim confirmar-se-ia a “verdade”, como confirmação da adequação, da correspondência.

Descoberta, desencobrimento (“alétheia”) fala de um modo de ser que revela as coisas, o real, o *mundo*, em sua geração e gênese, em seu movimento de nascividade, pois foi visto, revelou-se que o real, todo e qualquer real é nascimento, geração, gênese. É isso que diz “phýsis”, “natureza”. É este, *deve* ser este, na verdade, o significado dos *fisiólogos*, dos *naturólogos* pré-socráticos. Tal visão ou compreensão, igualmente, é doação do e no salto. E, de novo, “natureza” não é um estado de fato *objetivo*, propriedade *real* das coisas, *algo* dando-se ou ocorrendo facticamente na *realidade externa*. Nada de medição, cálculo, controle e domínio da natureza, das forças naturais. Nada de fontes e recursos naturais a serem explorados. Antes, trata-se do mostrar-se de um modo de ser, que evoca, que reclama uma *tensão vital*, na qual, a partir da qual *subitamente* revela-se que tudo quanto é e há, o real (o *ente*, o *sendo*) é dinâmica de revelação, de mostração e, assim, geração e gênese insistentes. *Natureza*, de “nascor”, “nascere”, nascer, brotar e irromper – assim, evocando ainda inicialmente a experiência grega, foi traduzida para o latim (Cícero?) a fala grega de “phýsis”. *Natureza, phýsis*, só há, só acontece, se há, se acontece esta *tensão vital*, esta *participação* ou este *interesse*. Este interesse, isto é, se já se estiver tomado por, se já se estiver *transportado ou transposto* (saltado) para *dentro* desta possível dimensão da realidade ou da existência humana, a saber, o ser, o viver ou existir desde e como o *ver*. O *dentro*, aqui, quer dizer: mais fundo no que já se está, no que *já se é*. E este é o caminho do vir a ser o que é do homem – da vida, da existência humana. “Vem a ser o que tu és” é um mandamento, um imperativo da vida grega para a vida, para o homem grego. Isso funda Europa, faz-se, torna-se destino (= envio), história europeia.

Desencobrimento (*alétheia*, verdade) dá-se, acontece à medida que o homem se *sintoniza* com o *lógos*, com o sentido – à medida que *participa* no/do sentido. Este sintonizar-se ou participar é o que Heráclito denominou “homologeín”, isto é, como é dito no fragmento 50, em *escutando* (= sintonização, participação) o *lógos*, dizer o mesmo que o *lógos* diz, *mostra*. O homem é testemunho, *mártir* de *lógos*, de *phýsis*, de *alétheia*. E é só neste enredo, nesta *estrutura* que vem à tona a fala de *phýsis*, de geração e de gênese, como princípio, como *arché*. O *um*, que é o *lógos*, é também *e o mesmo* que *phýsis* para os *fisiólogos* e, enquanto e como geração e gênese

(*phýsis*), perfaz *alétheia* – o desencobrimento, a geração, gênese e floração do real, de todo real possível. A *verdade* do real. *Lógos* é geração, gênese – o movimento, a dinâmica do real, de tudo quanto é e há e, enquanto tal, mostra-se igualmente enquanto e como *phýsis* e *alétheia*. Dito ainda de outro modo: o movimento gênese, geração, a *phýsis*, é o um (*lógos*, sentido, verbo) se diferenciando, isto é, se *alterando*, se transformando, se promovendo em insistente procriação. Mas isso, esta dinâmica, que é revelação, mostração, isso, *para quem tem olhos de ver*, ou seja, nos adverte Heráclito, para aquele que está acordado, atento, *alerta* – enfim, isso e assim (e não estado de coisas *objetivo*) perfaz *alétheia*, o desencobrimento do real na sua realização e como realização ou gênese. *Alerta* é o estado de *aceso*, de *ligado* do caçador, de Dioniso caçador. E é isso, isto é, este modo de ser, o *alerta*, que aqui vem sendo denominado *tensão vital*.

Lógos, *phýsis* e *alétheia* não são três *coisas*, três extratos ou camadas superpostas, enfileiradas ou empilhadas uma sobre as outras, com algum ou nenhum ordenamento, ao bel-prazer de quem ordena, hierarquiza. Não. Antes, são modos, *jeitos* de dizer ou de fazer aparecer a mesma experiência, o mesmo fenômeno, a saber, em vivendo, em existindo, o acontecimento vida, o acontecimento existência humana aparecendo e se mostrando *como tal* para ele mesmo. *Lógos*, *phýsis*, *alétheia* são, talvez, modos, modulações, mesmo *gradações* ou graus de intensidade vital. Do *estar desperto*, *alerta*, na fala de Heráclito. São graus ou níveis de tensão vital e, então, em sintonia com estes graus ou níveis, a fala, a *mostração* do fenômeno ou do acontecimento vida nele mesmo e para ele mesmo. Portanto, em questão não estão três *coisas* ou extratos estanques, mas, em se mostrando como níveis ou graus (talvez, melhor, modos, *momentos*) de uma mesma experiência, de um mesmo fenômeno (ver-aparecer) – enfim, em assim sendo, não se quer dizer que *lógos*, *phýsis* e *alétheia* sejam a mesma *coisa*. Isso seria nivelar, achatar, e assim desfazer a tensão, a intensidade vital, o ser e estar alerta – em diferentes graus, níveis ou *momentos*. De novo, trata-se de modos e graus (*momentos*!) do acontecer ou do dar-se do mesmo fenômeno, da mesma experiência, a saber, o próprio ver-aparecer, se dar, se fazer ou *aparecer como tal* para aquele que é na possibilidade de tal ver-aparecer, a saber, o homem e só o homem.

Desde e como escuta, o ouvir, acontece sintonia e sincronia com *lógos* e é esta a instância desde a qual cresce e se faz *saber* – assim faz-se o sábio, *sófon*. Um saber que é, então, *concreto*, pois *cresce com e desde o lógos*, o *sentido*, que é gênese, geração, isto é, *phýsis* e *alétheia*. Concreto, uma vez que consanguíneo com a própria *coisa*, a saber, com a própria dinâmica de

realização de toda e qualquer realidade possível e *enquanto tal*. E é isto ainda participação vital ou experiência, entendendo-se sob experiência a dimensão de *páthos*, de afeto e afecção, ou seja, desde escuta e entrega à escuta, ser tocado e tomado por este modo de ser que, então, se faz igualmente fala, discurso sábio ou sapiente. É neste contexto e lembrando, de modo geral, a natureza do saber e do sábio pré-socráticos, que Nietzsche alertou: “A palavra grega que designa o *sábio* pertence, etimologicamente a *sapio*, eu saboreio, *sapiens*, o degustador, *sisyphos*, o homem do gosto mais apurado; um apurado degustar e distinguir, um acurado discernir, constitui, pois, segundo o olhar do povo, a arte peculiar do filósofo”¹². “Segundo o olhar do povo”, isto é, segundo o olhar daqueles que testemunham uma tal fala, um tal discurso, um tal *saber*, afinal, em questão está “o povo filosófico” (Hölderlin). *Isso*, a saber, este modo de ser, é o *destino* deste povo. *Isso*, este modo de ser, perfaz a *história* (o *tempo*) deste povo.

Ainda no contexto desta participação no *lógos*, no sentido instaurador, então também e igualmente em *phýsis* e *alétheia*, é preciso que se observe que, qualquer destas dimensões (*lógos*, *phýsis*, *alétheia*) não é criação, produção ou *invencionice* do homem. O homem *jamais* pôde, *jamais* poderia ser o *autor*, o *criador* disso, ainda que só nele e para ele abram-se e deem-se tais dimensões ou modos de ser. Tal irrupção, tal acontecimento é obra de *transcendência*, quer dizer, um irromper súbito e gratuito – *salto*. E é isso que, na formulação aqui empregada, quer dizer *obra*. *Transcendência*, aqui, não evoca nenhum sujeito, nenhum agente, nenhuma causa externa, mas pura e simplesmente o irromper súbito e gratuito desde nada e para nada, em pura doação, de tais dimensões ou modos de ser de vida, de existência – a brotação, o florescimento, o vir à tona e à luz, tornando-se ou fazendo-se assim visível, dito em e como *phýsis*. É isso a gratuidade, a doação, do que *trans-borda*, do que *trans-cende*: gratuidade, doação de *nada*, desde nada. O homem recebe, ganha isso. Por isso, então, ele é, ele precisa fazer-se o guardador, o zelador disso, para ser, para tornar-se o guardador, o resguardador de seu próprio modo de ser, de sua própria *essência*. “Vem a ser, desde teu próprio modo de ser, deste tua própria *experiência*, o que tu és”.

¹² Cf. Nietzsche, F., *Die Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen*, Kritische Gesamtausgabe, III-2 (Walter de Gruyter: Berlin, 1973), 310.

7. O surgimento da filosofia corresponde à irrupção do homem para um novo e outro modo de ser de vida, o qual define uma dimensão que evidencia *mais* o homem para o homem – a vida desperta para a vida como vida, *como tal*. É este *novo* modo de ser que está contido na *estrutura*, na *composição* anunciada em *lógos, phýsis, alétheia*. É, pois, sim, um modo de ser, uma dimensão da vida que evidencia o *próprio*, a *identidade* do homem para o homem. O homem, o vivente para o qual vida se mostra como tal, isto é, o vivente que é, que vive sob o modo de ser no sentido (na orientação) do seu próprio viver ou existir, como que *acorda* para tal modo de ser, *desperta* de si para si em despertando para a vida, *que é pura transcendência, puro acontecimento de doação, enquanto e como irrupção súbita*.

A filosofia não é um dado, um episódio, ainda que visto como solene e insigne, da cultura. Filosofia não é cultura, isto é, ilustração e polimento que se dá ao espírito através de educação, entendida como acúmulo de informação, isto é, como erudição. Assim tende-se a, costuma-se entender, considerar educação, formação. Ela, igualmente, não é, p. ex., uma cátedra universitária, um curso ou uma disciplina acadêmica. Isso tudo é marginalidade no sentido preciso, ou seja, *coisa* tardia e à margem da vida, da existência. Cultura, o culto à cultura, é sempre já afetação e rebuscamento do verdadeiro espírito, da autêntica vida espiritual. Na afetação, *nesta* afetação *finje-se* um afeto, uma experiência que não se é mais, pois se desgastou e, assim, se extraviou. A filosofia torna-se *cultura* e disciplina curricular (afetação!) quando já decaiu, quando já se desfez como dimensão constitutiva da vida para a vida, quando já se apagou como modo próprio de ser de vida para a vida e, então, tornou-se rebuscamento *espiritual*, barroquismo *cultural* – enfeite, *adorno*. Hoje, *informação*. O modo de ser próprio à filosofia e que irrompe na Grécia precisa ser insistentemente cultivado e, assim, reconquistado, num insistente esforço de conquista e de reconquista da liberdade do homem para o homem, isto é, para a sua humanidade – essa é a *experiência* grega. Pois o que irrompe, o que desperta como o irromper ou como o despertar deste modo de ser, o qual vai se denominar filosofia, *é liberdade*.

Trata-se de liberdade como o abrir-se, como o dispor-se e predispor-se para liberar o modo próprio de ser do homem – para, desde e como o exercício do ver cultivado na experiência da irrupção de *alétheia*, de revelação ou descobrimento, o homem fazer vir a ser o que ele é. “Vem a ser, no e como o exercício de tal experiência (“*alétheia*”), o que tu és” é o que, sim, diz o mandamento pindárico – melhor, o que deve-se ou precisa-se ouvir neste mandamento. Desde e no exercício de tal experiência, libere, liberte o

teu próprio – seja livre! Trata-se, na verdade, do cultivo do encaminhamento *para* o desvelamento, para a irrupção do acontecimento extraordinário que é o ver e, então, o ver o ver – este, a saber, o despertar (liberar) do ver para o ver, é propriamente o acontecimento grego e a fundação do homem europeu, da Europa. É o despertar do homem para ser no modo de ser da iluminação e do desencobrimento (“alétheia”) e, então, *o abrir-se para este aberto* (a luz), para esta abertura, isto é, o despertar da liberdade como *ser livre* (*aberto, disposto, predisposto*) *para*. Trata-se, ainda, do cultivo e do encaminhamento para, por parte do homem, a descoberta do homem e do real, isto é, a liberdade como, desde a verdade (“alétheia”), *libertar-se para a verdade* (“alétheia”). *E isso é propriamente história*. O que Europa, o Ocidente, entende *propriamente* sob história.

Ser histórico é ser no movimento de realização desta experiência, que, à medida que se faz vida, isto é, tempo, pontua e define um envio, isto é, um destino. Não destino no sentido de fatalidade e fatalismo, mas destino enquanto e como um colocar-se *a* e *em um* caminho. Isso se constitui num envio, num enviar-se, isto é, no movimento de fazer-se e de refazer-se de uma experiência (a de *verdade*, como desencobrimento) enquanto a temporalização desta exposição, desta auto-exposição. O fazer-se tempo do tempo enquanto a auto-realização desta experiência (“Erfahrung”), *viagem* se expondo, se auto-expondo – *isso* é o ou um caminho, que é o enviar-se e o reenviar-se deste modo de ser inaugurado e que constitui propriamente história, uma vez que é um pôr-se a caminho, em *um* caminho, enquanto e como um *livre ou aberto para* – a verdade (“alétheia”), o ver que vê o ver *como tal*. Mas que não se entenda um tal destino, um tal envio, como *coisa consciente, deliberada, como autodeterminação*. Isso já será interpretação tardia, em apologética de subjetividade e de autonomia de *eu*, de *consciência*. Neste momento de nascimento e de instauração, porém, tal destino ou envio, tal *história*, se impõe como a necessidade de seguir o imperativo de *transcendência*, isto é, do que se deu e se impôs em se abrindo desde nada, abissalmente, em pura doação. Trata-se, pois, da necessidade do homem, da situação ou da condição humana de cumprir um modo de ser que se abriu e se impôs para ela, para ele, a saber, o homem, e frente ao que o homem não pode recuar, pois, desde e como transcendência, agravou-se, intensificou-se esta sua condição humana, i.é, assim, por esta via, o homem veio a ser mais homem, revelou-se mais para si mesmo e ele, então, não pode não ser isso, ou seja, este modo de ser a cumprir – *para este homem*, quer dizer, o europeu, o ocidental, que assim nasce, desperta.

Portanto, aqui, história nada tem a ver com cronologia e cronometria, com calendário, com datação e seriação de eventos, de acontecimentos. Nada a ver com a historiografia, que busca seriedade e rigor no levantamento, no inventário dos documentos, das fontes, dos *registros* históricos. Trata-se, sim, do envio e do reenvio de uma experiência, de um modo de ser que, assim, se toma e se re-toma, promovendo o vir a ser de um poder ser, de uma possibilidade – enfim, de um destino. A história do homem europeu, do homem ocidental. Europa, Ocidente – é o *tempo da verdade* (*alétheia*), concentrando nesta formulação o acontecimento incluído na irrupção da *estrutura lógos-phýsis-alétheia*. Trata-se da *liberação* deste modo de ser e, então, envio, destino de liberdade, enquanto e como *liberdade para a verdade*. A irrupção do acontecimento ver, enquanto e como o ver o ver e, assim, o ser no sentido do aparecer, que é ver o real, todo real possível, *enquanto e como real, o sentido (lógos) enquanto e como sentido (lógos) – tal acontecimento perfaz o mesmo com o surgimento ou a irrupção da história*. Ratifiquemos: não história enquanto datação e cronologia, enquanto registro de fatos e inventário de documentos (isso tudo, *grosso modo*, constitui a historiografia ou a ciência histórica), mas enquanto a retomada e a alteração ou diferenciação (= devir) de uma possibilidade que se abriu e que, em se abrindo, se impôs como o intransponível e como o irrecusável. Não pode mais não ser isso, entenda-se, este modo de ser, o temporalizar-se desta experiência, o fazer-se e refazer-se deste destino. História como o *tempo*, como a *temporalização* de verdade e de liberdade – envio, destino. Destinação ou tempo (temporização) deste poder-ser.

8. Dois pensadores contemporâneos, partícipes, pois, desta história, viram uma *mudança de azimute*, uma conversão ou, melhor, uma reorientação de rumo na vida ou na existência grega e isso no seio da própria vida, da própria existência grega, ou seja, uma *reorientação, de conseqüências fatais* (Nietzsche), do pensamento grego no interior do próprio pensamento grego. E esta mudança vai cunhar o perfil, o caráter de toda a Europa, do Ocidente. Primeiro, Nietzsche, luminosamente, em *O Nascimento da Tragédia*, ao marcar que a Grécia Clássica, com Sócrates, Platão e Aristóteles, a qual se tornou o modelo, o *programa* para o Ocidente, constitui o momento de *decadência* do pensamento grego, um desvio ou uma desorientação em relação à Grécia pré-socrática, fundadora da filosofia, do pensamento. Ou seja, a Europa, o Ocidente, então, passa a ser, predominantemente, a história da Grécia Clássica, enquanto e como a história, i.é, o enviar-se e o *temporizar-se*, da decadência, que assim se desdobra e se

realiza no desdobramento e na realização das possibilidades *decadentes* deste programa, deste projeto de ser – de ser homem. Que decadência? *Queda* de quê, em relação a quê? O fato é que o olhar do jovem Nietzsche sobre a Grécia transformou completamente, a partir de então, os estudos da filosofia e, de modo geral, da *cultura* grega. Sem dúvida, o estudo da Grécia, do pensamento grego passa a ser *a.N.* e *d.N.* – *antes* de Nietzsche e *depois* de Nietzsche, apesar dos amuos de Wilamowitz. Deixemos de lado, porém, sem comentário e sem esclarecimentos, a leitura e a interpretação de Nietzsche, ficando só o anúncio da transformação radical, da *virada* que significou o seu olhar, a sua compreensão/interpretação dos gregos.

Na esteira de Nietzsche, no seu rastro, constituindo-se num autêntico sucessor e herdeiro, à medida que o confirma e o agudiza, temos Heidegger. Ele endossa o diagnóstico de Nietzsche e o agrava, à medida que mais o explicita e o aponta, minuciosamente, ao longo das etapas, das *épocas* do pensamento ocidental, em realizando a tarefa, para a qual Nietzsche conclamará, a saber, a necessidade da escrita de uma *história velada da filosofia*. E isso, ainda segundo Nietzsche, desde a certeza, desde a evidência que “com Platão começa algo totalmente novo ou, tal como igualmente se pode dizer, desde Platão falta ao filósofo algo essencial”¹³. Esta *falta*, ver-se-á, na verdade, é uma *sobra*, um *demais*.

E este “algo totalmente novo”, inaugurado com Platão, Heidegger o caracteriza concisamente num escrito, numa conferência de agosto de 1955, intitulado/a *Que é Filosofia?* Ali é exposto como, com Sócrates e Platão e em discussão com a sofística, justo na tentativa de bem marcar a natureza do saber então emergente e que sequer *filosofia* se denominava, irrompe uma atitude, um modo de ser, que não mais um saber, como descrito, p.ex., por Heráclito, que é *consonância* (“Einklang”), a “harmonia”, mesmo e até *porque* sendo harmonia dos contrários, e que pode, deve ser entendida como *serenidade*. Um saber que, desde e como escuta e espera, se caracteriza como *harmonia polêmica* (de “*pólemos*”), como *serenidade tensa* (como uma *natureza morta*, de Cézanne!), e que é uma espécie de consanguinidade de homem e de real, um mesmo de homem, vida e real. Então, porém, irrompe um outro e *novo* modo de ser que não mais é esta harmonia do e no saber, mas, sim, um modo de ser a partir do qual este saber passa a ser buscado, passa a ser *querido e procurado afanosamente*, isto é, passa a haver um *anelo* (“*oréxis*”) pelo, para o saber. É quando se instaura um *eros*

¹³ Cf. Nietzsche, F., KGW III–2, 303/4, 30.

do, no e pelo saber, o qual se faz *desejo* e, mais do que desejo, mostra-se como uma busca sôfrega, *aflita* pelo saber, isto é, anseio, anelo e, por fim, *cobiça, sanha*. Agora, sim, começa, há, dá-se *propriamente filosofia*, mas o que era uma *inclinação*, uma *tendência* (*phílos, phília*), transforma-se, como dito, em anseio, anelo (*oréxis*) e que logo *vira hýbris – sanha*. O *sophós*, ao contrário do *philósophos*, não *busca* nada. Antes, ele é só espera e escuta. E celebração, aquiescência ao que, aí e assim, se dá, acontece. Ao contrário, hoje, a nossa pesquisa, p.ex., não é amor ao saber, amor à verdade, enquanto e como, desde espera e escuta, *serena* tendência ou inclinação (melhor, *harmonia* ou *consonância* com) ao saber, mas correria, devastadora cobiça – mais, lascívia. Saber *sanhoso, assanhado*. O atual pesquisador não é só um fornicador. Como todo fornicador, é também um afobado...! E o afoito, o afobado, aqui e sempre, faz mal à *coisa – come cru...* E também fica mal no *ofício...*

Esta *nova* atitude, este *novo* modo de ser, põe em marcha um movimento que, em escalada, *faz-se a vontade* de saber, que é cobiça e sanha, e que se torna o entusiasmo – não, o furor e a fúria, que marcará o *progresso do espírito, o otimismo da razão ou da lógica*. Nietzsche diria, diz: “Surge então a *crença* segundo a qual a razão, seguindo o fio condutor da causalidade, está em condições não só de atingir os mais profundos abismos do ser, mas também em condições de *corrigi-lo*”¹⁴. Corrigir?! Então, a vida, a existência é como *não devia ser?! ...!?* Esta vontade de saber, a filosofia, porém, se faz uma corrida e uma correria pelo saber – aí e assim a *escalada* – até aos nossos dias, quando tal saber cumpre-se sobretudo como *pesquisa*, isto é, como uma sôfrega busca de elementos, de índices capazes de, com eles e através deles, exercer domínio e controle sobre todo e qualquer real, sobre toda e qualquer realidade possível. É quando, hoje, pensar, saber, se faz teorizar e o teorizar, na verdade, o imperativo do estabelecimento de relações cibernéticas, isto é, de controle, de classificação e de dominação do real, e desinteressada de toda e qualquer possível experiência de real, entendido desde e como possível transcendência, isto é, como doação que ultrapassa toda deliberação da autonomia da vontade humana, da autonomia do eu ou da consciência, a partir da qual, na modernidade, se exerce razão, lógica. É seguindo este percurso e potencializando este modo de ser que, ainda na formulação de Nietzsche, o saber, a filosofia, se faz como o exercício do *espírito de vingança*, quer dizer, a ação ou a atividade

¹⁴ Cf. Nietzsche, F., *O Nascimento da tragédia*, nr. 15.

da vontade que, a todo e qualquer custo, quer não só saber e conhecer, mas, sob tais denominações e a propósito delas, quer *corrigir* (pois está dito e subentendido que vida é como *não deve ou não devia ser*, a saber, falta, privação, *stéresis*, deficiência, carência, enfim, *culpa*) e, por fim, hoje, enquanto e como cibernética, *substituir* todo real possível pela ilimitada, infinita possibilidade do virtual, *isto é*, do racional, do *matemático ou numerado, digitalizado*. O *direito* de, a partir de si (= sujeito, razão, lógica), corrigir e, por fim, substituir o real (virtualidade, cibernética) é o que é *reivindicado* pelo espírito de *vingança* (“vindicare”). E faz isso correndo atrás, perseguindo (pesquisando!) e, por fim, *encurralando* o real, de modo que ele não tenha saída, não escape – está, torna-se preso, seguro e submetido. Isso, a saber, este correr atrás, perseguir e, por fim, encurralar e submeter, é o que está contido no étimo (então na experiência) alemão de “Rache” (“vingança”), proveniente de “rächen”, e que constitui a expressão “Geist der Rache” (“espírito de vingança”). *Espírito*, no sentido que passa a ser um modo de ser que age, que atua decisivamente, porém veladamente, sem precisar ser pensado, refletido. Este é, na verdade, o melhor modo de agir, de atuar, de tudo que radicalmente atua, age. Em outros termos, à medida que *espírito*, a vingança (isto é, o modo de ser anelo, que vira *hybris*) *tem*, é a força, o poder, ao qual não se precisa, cônica e refletidamente, recorrer. “Espírito”, aqui, está apontando para uma espécie de aura, de halo, de *medium*. Assim impera, domina. Por isso, dirá o Zaratustra, “O espírito de vingança – esta foi até hoje a melhor reflexão dos homens”¹⁵ – isto é, da humanidade europeia, ocidental. Este “a melhor” é pura ironia, pois está subdizendo: é a *reflexão* que não é, de modo algum, reflexão alguma, mas *algo* que se faz e pelo qual se é feito, ao qual sempre se recorre, pois, *sem fazer força, automaticamente, por direito adquirido...*

Neste contexto, verdade passa a ser e a querer ser *função de verdade*, só função de verdade, isto é, função de controle, de domínio, de certeza e de auto-asseguramento a todo e qualquer custo, a todo e qualquer preço, pois como certeza e (auto)asseguramento define-se verdade e respectivamente realidade no moderno horizonte, no projeto cartesiano. Controle, classificação e manipulação de si, do real, enfim, de tudo, de toda a vida ou existência. Verdade (*alétheia?*), entrevista como algum possível sentido ontológico, como alguma possível *experiência* marcada por *transcendência*, isto é, para nós, desde e como irrupção súbita, gratuita (salto e abisso) – isso

¹⁵ Cf. Nietzsche, F., *Assim falava Zaratustra*, parte II, *Da Redenção*.

é futilidade, puerilidade. *Isso absolutamente não interessa*, pois só há a *imanência* absoluta do eu, da consciência autônoma (a “substância absoluta”, na formulação de Hegel), da razão calculante e calculadora, que tudo nivela, achata, iguala. Nenhuma diferença frente à igualdade, à unidimensionalidade e à uniformidade avassaladoras do eu, da razão, do cálculo – a substância absoluta. Sim, o homem, a *Terra* unidimensional. Assim se faz, assim se exerce o domínio da lógica, a expansão e a escalada da vontade, do projeto de formalização da linguagem, de *toda* linguagem – leia-se: de tudo, de toda realidade possível. Formalizar, isto é, numerar, calcular, controlar, assegurar tudo a todo e qualquer preço. *Uma só linguagem, um só real*, pois tal linguagem *vale para tudo*, para todo e qualquer *conteúdo*, como gostam de dizer. Deslumbrado, embevecido – de si, por si, para si, o “último homem”¹⁶ proclama: “Nós inventamos a felicidade”¹⁷. Só *isso* (= modo de ser vingança, *hybris*) vale, só *isso* é, só *isso* há. Um grande raso, um grande liso, um grande deserto. A *monotonia* de uma grande, de uma infinita planície. “Aplainar montanhas – isso é um grande pensamento”, são as alvíssaras de Stawroguin, o *perfeito niilista*, em *Os Demônios*, de Dostoievski. E: “O deserto cresce, o deserto cresce. Ai daquele que guarda em si desertos”. Isso é, sim, Europa, Ocidente, que historicamente se nos envia e, claro, assim nos determina essencial ou decisivamente. Um dom, um presente – de grego! Esses gregos – são velhacos, uns pícaros!

9. A passagem do modo de ser *harmonia* para o modo de ser *anelo*, isto é, a instauração da filosofia propriamente dita, com Platão (*caricaturalmente*), constitui-se, na verdade, em um *salto*. Europa, Ocidente, *é este salto* – o modo de ser deste salto. Mais: é a vigência ou a dominação da positividade, da legitimidade deste modo de ser (i.é, o *anelo* pelo, para o saber) como sendo seu incontestável *direito* – e qual o real direito a este direito?! Fica a pergunta. Assim sendo, a história ocidental-europeia é o enviar-se e reenviar-se (o *tempo*) do modo de ser encarnado neste salto, neste *direito*, e que assim vai desdobrando e realizando as possibilidades, concretizando as configurações históricas contidas em tal modo de ser, isto é, em tal salto. Na

¹⁶ “Último homem”, isto é, na linguagem do *Zaratustra*, o homem *mais* homem, quer dizer, o homem que leva o homem do humanismo greco-cristão (= metafísica = espírito de vingança) à sua cumulação, à sua máxima ou extrema radicalização, enfim, que o põe pronto, *de jeito, no ponto* para a *virada, para uma guinada*... Ou não, né!!

¹⁷ Cf. Nietzsche, op. cit., Prólogo, nr. 5.

verdade, pelo que se esboçou acima, tal história, em sendo o envio e a realização da atitude *progresso do espírito* ou *otimismo da razão* (= *lógica*), constitui-se propriamente na história do *niilismo europeu*. O niilismo, na compreensão de Nietzsche (e Heidegger na mesma direção, com a fala de esquecimento de ser), é a própria história ocidental-europeia. Isso é o que significa ser o niilismo a *essência* (a *lógica*, segundo Nietzsche) da ou a *própria* história europeia. Na verdade, sobretudo a história europeia como o tempo da vigência ou da positividade da razão [= cálculo, controle, (auto)-asseguramento] e que se constitui no crescimento, mais, na escalada do *niilismo ativo*, quer dizer, do modo de ser que é a vigência ou a positividade do poder *desta* razão. Tal *tempo*, tal modo de ser, impera na nossa época como *deserto verde*, ou seja, como o entusiasmo da e com a técnica moderno-contemporânea, o tempo ou a época da dominação do racionalismo tecno-científico – tecnologia realizando-se como informática ou cibernética (o virtual), que é o modo como, hoje, impera *progresso*, quer dizer, a escalada do *espírito* ou do otimismo da razão.

Nietzsche, formulando esta história como a *história de um erro*, isto é, como a história do envio do desvio (= decadência) contido no salto, que é a entrada no tempo do anelo (= *hybris*), do progresso do espírito ou do otimismo da razão (a Europa, propriamente dita) – enfim, Nietzsche, falando desta história e em formulando-a, vai falar desta hora de culminação, de cumulação da razão como deserto verde, como técnica e tecnologia, como o tempo, a época ou a hora do *rubor de vergonha de Platão* – “die Schamröte Platos”¹⁸. Como? Que é isso? Apontemos para um breve esclarecimento.

10. Vergonha. Bem, há vergonha e vergonha! Há uma vergonha típica de má consciência, de culpa, e há uma vergonha que se faz, que se mostra sobretudo como *pudor* – pejo, recato. Mas a vergonha da má consciência e da culpa, no fundo, também é pudor. Independente de qualquer possível moralismo ou falso moralismo, o que realmente está em questão?

Vergonha é um *gesto*. Um gesto da alma. Do *espírito*?! Antes, talvez, um gesto do *corpo*, considerando que corpo, enquanto o mesmo ato que é sentir-ver-dizer, o ato de *fazer-se ver* ou a irrupção do visível, constitui-se no ato ou no acontecimento inaugural, fundador da vida, da existência. O

¹⁸ Cf. Nietzsche, F., *Como o mundo verdadeiro enfim tornou-se fábula, em Crepúsculo dos Ídolos*.

acontecimento arcaico, súbito, i-mediato. Corpo é este acontecimento, este ato. E, é preciso destacar, vergonha é um gesto sempre em presença, diante de *um outro* – um gesto de *recuo*, de *retraimento*, em guarda e resguardo. Um gesto de proteção. Adiante, voltar-se-á a isso. *Outro*, aqui, agora, para nós, não é, não será *outra pessoa*. Outro, aqui, agora, para nós, estará dizendo a alteridade ou mesmo a diferença como tal, quer dizer, *transcendência, que é o acontecimento vida, corpo*. Assim, transcendência não estará falando nada no sentido de um algo subjacente além – uma causa, um autor, um sujeito, *natureza, Deus* –, mas o acontecimento de irrupção da vida, da existência, ou seja, um ou o acontecimento que se faz desde nada, por nada, para nada, a saber, *o proto salto, o a-bysso ou abissal*. É neste sentido e assim que, irrompendo vida, irrompe corpo, faz-se ou dá-se corpo (= ver-sentir-dizer), isto é, *o homem, a vida humana*. Transcendência, portanto, também não é nada que esteja se opondo e se contrapondo dialeticamente a alguma imanência, algum dentro ou interior. Não. Em questão está só a designação deste acontecimento inaugural, o fundo ou o fundamento abissal (portanto, sem nenhum fundo ou fundamento) sem, p.ex., dentro ou fora, interior ou exterior, mas até e sobretudo a condição para que venha a ser possível, posteriormente, tal fala. Transcendência está falando um, melhor, *o acontecimento da ordem* daquele evocado e invocado por Rilke, e por nós já referido, na abertura de *Sonetos a Orfeu*: “Uma árvore irrompeu – ó pura transcendência!” “O reine Übersteigung”, isto é, puro e simples transbordamento, ultrapassamento, excesso, doação, dádiva, presente. *Pura irrupção, trans-bordamento. Pura*, isto é, simples, sem porquê e sem para quê, sem de onde e sem para onde. Pura gratuidade – simples, mero *de graça. Foi por nada, não! Foi sem querer!*

11. Mas, ora, que tem a ver o “rubor de vergonha de Platão” com isso?! E por que Platão? Lembremos que Platão, aqui, está só e tão só nomeando e caracterizando o modo de ser filosofia inaugurado com a entrada em cena do anelo pelo, para o saber – o pôr-se em marcha do *otimismo da razão, do progresso do espírito*. É isso e assim a caricatura, ou seja, o platonismo. E por que *Platão*, na cumulação, quer dizer, no acabamento por completude, por plenificação (i.é, por ter podido tudo que podia poder e, então, por ter se *saturado* ou se ter *enchido todo*) da *história de um erro*, isto é, da história do otimismo da razão ou do progresso do espírito (do platonismo) – enfim, por que Platão, *agora*, se envergonha? *Por culpa, por má consciência.*

Remorso! Arrependimento – aí a *metánoia*. Como?! É que o salto, que põe em marcha a filosofia como anelo¹⁹, como *eros* do/para o saber, já o é desde e como má consciência, quer dizer, com *vergonha* de ser/ter *pouco* saber, de ser/ter *menos* saber do que *devia*, do que *precisava*. Quer dizer, porque o saber que se mostra, se mostrava como harmonia ou consanguinidade *é/era* um *saber finito, pouco, limitado* (dá-se, dava-se, acontecia, desde e como escuta e espera e era *bastante, suficiente!*) mas, *agora*, para dar conta do acontecimento-anelo, *deste* salto, faz-se preciso, fazia-se necessário *mais, muito* mais saber. Dar-se conta do acontecimento, do salto?! Sim, o imperativo de dar-se conta deste acontecimento *cobrando* dele razão ou direito de ser, ou seja, uma atitude que quer causa, princípio entendido(a) como substrato ou substância *fora e antes* do acontecimento e *responsável* pelo mesmo. Já está em cena o *bípede ingrato*, quer dizer, o tipo que já é revoltado ou insurgido contra o salto, o *proto-salto*, ou seja, contra a irrupção súbita e a doação, a dádiva, o presente, que é a vida, a existência. *Agora*, de algum modo, é preciso ter autor, é preciso ter causa, isto é, é preciso ter responsável e responsabilidade. *Saber*, isto é, controle, *administração* da vida (do condomínio?!), *é preciso*. Não se aceita doação, gratuidade. É, sim, uma ingratidão. Revolta.

No *rubor de vergonha de Platão*, isto é, na hora da cumulação da metafísica, enquanto e como a hora de plenificação-saturação (= limite) do saber que se faz como vontade ilimitada do profundo, de fundo e de fundamento, quer dizer, no tempo e na hora de saturação da busca, melhor, da corrida e da correria atrás do proto-sujeito, da substância, de *a* causa – enfim, nesta hora, Platão (i.é, a história ocidental, a *Europa*, encarnada em Nietzsche e Heidegger) faz, para trás, de volta, *o mesmo salto* que, na instauração do anelo, fez para frente enquanto e como o salto que ensejou a entrada em movimento do *progresso do espírito, do otimismo da razão ou da lógica* (= saber e conhecer, a *ciência* europeia ou a metafísica). Este passo de volta, este *recuo ou retraimento*, marcado na e pela vergonha, é o passo que, na nossa história, é indicado, acenado, no percurso do pensamento Nietzsche-Heidegger, que é o *afundamento* no mesmo instante, na mesma

¹⁹ É preciso que se diga: tudo que é radical, essencial na e da vida, faz-se, dá-se desde e como salto – o súbito, o i-mediato – *repetindo* ou *retomando*, sempre, a cada gesto ou acontecimento-vida, o ato inaugural de vida, de existência. Salto é, portanto, a *porta de entrada*, o *acesso* a todo acontecimento decisivo, p.ex., a entrada neste, a instauração deste modo de ser, aqui denominado *anelo*, e que vai pontuar a história ocidental, europeia.

hora, no mesmo envio ou destino histórico, quer dizer, na mesma experiência de história. *Afundar*, aqui, quer dizer: entrar *nisso* e levar *isso* até o fim – sim, *pensar até o fim*. E assim, por esta via, poder tudo que o poder do saber pode poder e, então, experimentar limite – finitude, *não saber*. Fraqueza, *fragilidade*. Limite como lugar próprio. Aí, talvez, saciedade, satisfação, alegria. Jovialidade – a “Heiterkeit” no riso, do riso, que se *destampa* quando, de repente, subitamente, se desfaz em nada uma grande tensão²⁰, uma grande espera ou expectativa, a saber, a espera, a expectativa (a vontade!) do saber, da metafísica, pelo fundo, pelo fundamento. Não há fundo. Não há fundamento. É de graça. É gratuito. É sempre *sem querer*. E: um grande riso, uma grande gargalhada. Que bom! Muito obrigado! Muito obrigado!

Tem-se assim esta coisa estranha: Nietzsche, Heidegger, cada qual e ambos na mesma *viagem*, na mesma *experiência histórica* (um pleonasma, pois real experiência, real afeto ou *páthos*, é sempre história), são Platão! Nietzsche-Heidegger é, cada qual, o próprio Platão pensando até o fim a decisão platônica de, para *anelo*; de, para vontade ilimitada de saber e de poder (de verdade, diz Nietzsche) no e do saber, enquanto e como vontade de infinito, que, na verdade, é revolta contra o finito, isto é, contra salto, doação, gratuidade. A dominação do *l’homme révolté*, o império do *bípede ingrato*. *No salto para trás, de volta, é ganho, é reconquistado o limiar perdido, extraviado no salto para frente*, no afã, desejo, anelo e, por fim, cobiça e sanha, isto é, *hybris*, de, para infinito. O im-possível. Arrogância, presunção, soberba. O limiar então perdido, extraviado, é a própria vida, a própria existência no seu ato fundador, inaugural – o a-bysso, a doação. A vigência, a dominação de *hybris* não é só revolta, ingratidão, mas também e principalmente ódio. O mal...

²⁰ Está-se aqui a parodiar e parafrasear a agudíssima definição de riso dada por Kant, em *Crítica do Juízo*, § 54, Observação: “O riso é um afeto desde, a partir da súbita transformação de uma tensa espera em nada”. A tensa espera do Ocidente, a grande expectativa da Europa, e que, *de repente*, se desfaz em nada, é a espera que se faz como reclamação, reivindicação de fundo, de fundamento, de causa, de sujeito, de autor. É *isso* que, *de repente* (= salto), como bolha de sabão, se desfaz em nada e... *destampa-se num riso, numa grande gargalhada*. Sim, riso é coisa que, *de repente*, se des-fecha, se destampa. É este o riso do *estulto Zarathustra*, isto é, de Nietzsche, de seu pensamento, de sua obra. Neste des-fechar ou des-tampar (o riso) abre-se, instaura-se uma de-cisão, uma “Ent-schliessung”, um “ent-schliessen”. Nisso e assim a experiência do *fim da metafísica*. Aí e assim o *ponto de virada, de metánoia* – o divino, o sagrado do *não saber, do não poder*. E: sim, alegria, satisfação. Muito, muito obrigado!

Quem diria! Nietzsche é Platão *envergonhado, arrependido*; Heidegger, igualmente, é Platão *envergonhado, arrependido*. É a história da filosofia, da metafísica – *envergonhada, arrependida*. A história europeia, ocidental. É só um ato. Só um instante. Um instante de dois mil anos, uma duração, um “aión” e tanto! Mas um instante, pois um só ato, um só acontecimento, que se altera, que se diferencia, que se faz tempo, em se agravando, em se intensificando – *o tempo europeu, a história europeia*. Um dia. O dia europeu. O dia pensado por Nietzsche, por Heidegger. Aurora (*dourada?!), zênite, ocaso*. Nietzsche, juntamente com Heidegger, é a hora grande deste ocaso. É isso, principalmente, que diz o seu *Zaratustra*, que é o pensamento do ocaso, o ocidente do Ocidente – *o declínio de Zaratustra*. Ouça-se, o ocaso, a descida ao fundo, por parte da Europa, do sol europeu, do dia europeu, da filosofia, da metafísica – *a lógica, a razão*. O tempo do *Zaratustra*, melhor, da obra, do pensamento de Nietzsche, é o tempo de um dia, *deste* dia. Que é o pensamento do fim – do ir até o fim, do pensar até o fim, isto é, ser, vir a ser *tudo que pode e que pôde este poder*, a saber, a Europa. E este fim é começo (*arché*), que ao longo de toda *hýbris* não se desfez, não se apagou. O irromper deste modo de ser homem, quer dizer, este modo de ser sob a égide e o destino (maldição? Bênção? Presente – de grego?!!) do olhar, do ver (ou, se se quer, do *ouvir*, que vital-existencialmente diz a mesma coisa). Mas, de qualquer modo, ser no sentido, na determinação de ver, isto é, do aparecer e do mostrar-se *enquanto tais*. “Sou luz. Ah, que eu fora noite. Mas que sou cingido e unguido de luz – esta é minha solidão”²¹. Na noite, na mais funda noite; no esquecimento, no mais fundo esquecimento, *não pode não ser ver, luz*. Assim fala o homem ocidental, o homem europeu, quando em torno dele, dentro dele, para fora e para além dele tudo se faz noite. Sua *hora*, seu *tempo*, seu *medium* fez-se noite – mas não pode não ser luz, não pode não ser *ver*. E isso, esta escuridão, da fundura desta escuridão nasce, renasce, desperta lembrança, uma *grande* lembrança. *Grande*, isto é, arcaica, essencial, imemorial – originária. Esta hora é hora desta retomada, desta recordação – a virada, a revirada que retoma, que repete. Desde dentro do maior esquecimento, desde dentro do maior extravio, uma lembrança, uma *grande* lembrança – de nada, para nada. Evidencia-se o sem fundo de todo fundo, o sem fundamento de todo fundamento. Uma grande lembrança – de nada, de nada... para nada, para nada... É o que se ouve na, desde a fala de um outro

²¹ Cf. Nietzsche, F., *Assim falava Zaratustra, II, O Canto noturno*.

escutador, de um outro *mártir*, isto é, de uma outra *testemunha*, desta hora, deste tempo: “Há, dá-se um esquecimento de toda nossa existência, um ensurdecimento de todo nosso ser, tal como se tivéssemos tudo encontrado. Estamos nisso. Faz-se, dá-se um emudecimento, um esquecimento de toda nossa vida, tal como se tivéssemos tudo perdido; uma noite de nossa alma, onde sequer a centelha de uma estrela, onde nem mesmo a fagulha de uma acha de lenha nos ilumina. E somos isso”²². Uma lembrança, uma grande lembrança. De nada, de nada, de nada... Noite, noite, noite... Graça, graça, graça... Gratuidade. Doação, doação, doação... Muito obrigado! Muito obrigado!

12. De volta, para trás. “Um passo atrás”, denominou Heidegger em diálogo direto com Hegel; “um retro-movimento, um movimento de volta”, “eine rückläufige Bewegung”, denominou Nietzsche, em levando o niilismo até o fim, ao imperativo da mesma experiência de pensamento. Este “de volta”, este “para trás”, porém, insistamos, não se refere a nenhuma data. Nada de calendário e nenhum desejo, aspiração de recuar no tempo para, nostálgica e doentamente se instalar, se reinstalar em alguma “era perdida” ou em alguma “idade do ouro”, em algum *clássico*, para refazer um feito, que teria sido *mal feito*, a saber, a própria vida, a própria história. Nada de querer corrigir o passado, retificá-lo e melhorá-lo. Não há como desfazer o feito. Sequer os deuses o podem, disse Aristóteles. Esta presunção, esta futilidade não está em questão. Em questão está, sim, uma retomada, mas a retomada do *humor*, do *tom*, do *páthos vital*, que é o modo próprio de ser da própria vida, da própria existência, que se mostra, enquanto e como história, como o mesmo que em si mesmo se altera, se diferencia – se transforma. Portanto, só, tão só a retomada de um *registro*, que precisa pontuar a vida, a existência, uma vez que é a própria consistência da vida, a própria textura da existência, enquanto e como história, isto é, alteração, diferenciação. Enfim, tempo. *A experiência que põe e impõe riso restitui este modo de ser radical, essencial*. É assim que o *fim da Europa* é começo, *outro começo*, que é sempre e irrevogavelmente o *mesmo* começo, a saber, vida, existência humana na sua textura de absoluta transcendência (súbita irrupção, doação), na sua a-byssal consistência.

²² Cf. Hölderlin, F., *Hyperion oder der Eremit in Griechenland*, Band I, Erstes Buch, in Friedrich Hölderlin Sämtliche Werke, I, Tempel-Klassiker, (Wiesbaden: Emil Vollmer Verlag), 455. Ou Hölderlin, F., *Hipérion ou o Eremita na Grécia*, trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback (Rio: Gen/Forense Universitária, 2012), 71.

Esta retomada do *registro-vida* é o que constitui, no ápice da *história de um erro* (= metafísica ou o modo de ser, de pensar que quer, a todo custo, fundo, fundamento, *substância, causa, autor*), *virada*. Virada ou *metánoia* – um outro registro, outro *humor*, uma outra *modulação* no andamento vida. *Outro*, considerando o vigente, o dominante, a saber, a metafísica. Este *outro*, porém, é *velho*, muito velho, velhíssimo... Enfim, um outro *espírito* e que, sim, marca uma *guinada*. E, estranho, tal virada, tal *metánoia*, é conquistada, reconquistada através, graças à vergonha, graças ao pudor, que é conquistado, re-conquistado(o), *devolvendo vida*. Vergonha, pudor?! Reconquistado? De novo esta pieguice! Bem, mas continuando com o estranho, Nietzsche dirá que *vergonha, pudor* (“Scham”, “aidós”) é o sentimento, o *páthos*, condizente com dor²³. O *arrependimento* é a reconquista, a retomada de *pudor*. Vergonha, pudor, e *não* compaixão. O fato é que pudor dignifica (isso é que significa “condizente”) dor, *isto é*, deixa dor ser dor. Isso é o que *não* acontece na, com a compaixão²⁴. Mas, ora, e por que dor? Algo decisivo, pois *vida é dor*. Dor é só, tão só outro nome de vida enquanto e como finitude, limite – *indigência* e, a partir daí, a *necessidade da ação*. A vida, toda vida (ouça-se: o homem, a vida ou a existência humana), é ação, atividade de dor e, então, sempre dor transformada, transfigurada que, então, se faz alegria. É isso a criação. Dor (a finitude, o limite) põe, impõe ação. Na e como ação, transformar, transfigurar dor é o que significa *deixar dor ser dor*. E deixa à medida que a acolhe, diz *sim* a ela e, assim, a torna ação e, na e como ação ou atividade, a transformação ou transfiguração, que é criação. E nisso, desde isso e como isso, a saber, transfiguração de dor na e como ação – enfim, nisso alegria. Uma grande alegria. Grande, isto é, constitutiva, essencial, própria. A necessária e possível.

²³ Cf. Nietzsche, F., *Assim falava Zaratustra*, IV, O homem mais asqueroso (O mais feio dos homens).

²⁴ Não vai se entrar, aqui, em considerações sobre a compaixão, isto é, sobre o impossível de tomar sobre si a dor do outro, à medida que dor é o indivisível, o impartilhável – o só e o *mais* só. Portanto, o *in-com-partilhável*. Por ter, ser, esta presunção, a saber, de (com)partilhar e *democratizar* a dor, é a moral cristã moral de rebanho, de horda, pois tende a tudo achatá-lo, nivelá-lo, uma vez que não deixa a dor do outro aparecer, fazer-se como sua ação própria, como sua identidade – sua criação. E por querer exorcizar de si a dor, i.é, o limite ou a finitude (na, desde a vontade de correção, reforma e mesmo substituição da vida), também a metafísica é *moral* (i.é, imperativo ou dever ser) de *compaixão, de autocompaixão, autocomiseração*. Deus morre, morrerá de compaixão pelo homem.

O anelo, a vontade ou a sanha do, pelo saber, no fundo, em última instância, quer tirar de si, isto é, do homem, este *fardo*, a saber, a dor que o homem é – afaste de mim este cálice!... E por isso, graças a isso, a filosofia (o anelo do, pelo saber) se faz compaixão pelo homem, pela vida. Metafísica, *Deus*, toda ciência ou saber ocidentais, à medida que vontade de correção, de reforma e, por fim, de substituição da vida, da existência, é compaixão da, pela vida; da, pela existência. Sim, autocompaixão, pois, no fundo, toda compaixão é auto-compaixão, auto-comiseração. Nisso e disso *morre* a metafísica, a ciência, *Deus*. Deixemos isso, porém, de lado.

Mas este *negócio* está um enredo por demais enredado – um cipocal, sim. Conquistar, reconquistar pudor, *vergonha*? E vida, assim, *devolvida*?

13. Usando, talvez abusando, do direito à caricatura e, então, retomando a fala do saber como o modo de ser harmonia e sua passagem para o modo de ser anelo, temos, teríamos o seguinte *sentimento* de Platão: há, dá-se saber, sim. Mas, *infelizmente* (!), é *pouco* saber; é *menos* do que *devia*. Pouco, menos, devia?!... O fato é que Platão – leia-se: o saber, a filosofia, o homem ocidental, europeu – se envergonha de ser fraco, melhor, de ser *menos forte* do que precisava, do que devia ser. É preciso *mais*, *muito* mais. É preciso *buscar mais*, é preciso *querer mais*, correr mais atrás disso, a saber, o saber. O in-finito, a desmedida, a *hybris* já se fez, já se *arrogou medida*. Já vige presunção, soberba. Quando, na cumulação da *história de um erro*, é falado do “rubor de vergonha de Platão”, acontece, então: agora, *Platão* se envergonha da vergonha que teve, que tinha. Ele se envergonha da vergonha que teve/tinha de ser *fraco*, de ser *pouco*, de ser *pobre*, enfim e melhor, de ser *menos do que devia ser*. E *quem* diz, disse isso?! Já é má consciência, revolta – *l’homme révolté, bípede ingrato*. Quer dizer, na *primeira* vergonha, entrou, já tinha entrado má consciência, ressentimento, inveja, ingratidão – o *sentimento*, mesmo a *evidência* de ser pouco, de ser menos do que precisava, do que devia ser. Entrou em cena, em marcha o *progresso do Espírito*, o *otimismo da lógica*. Agora, na outra ou na *segunda* vergonha, ele, *Platão*, se envergonha da vergonha que teve. Agora, se envergonha da vergonha que teve por ser *fraco*, *poco*, *finito* – e *vira* inocente, fica *sem vergonha*. Ele *vira* pobre, fraco, isto é, *finito*, *sem vergonha*! Ora, por quê?! Evidencia-se, *agora*, que ele se envergonhava do só, da única *coisa* ou do único modo possível de ser que lhe cabia; envergonhava-se da absoluta necessidade, que era, que é a dele, a saber, ser o que é, ou seja, homem e só homem. Ora, por que, para que *envergonhar-se* se foi, se aconteceu (a vida, a existência) *sem querer*, *de graça*?! Sim, envergonha-se, então, porque má consciência (revolta, ingra-

tidão) já se instalara, já se fizera. *Agora*, desde a evidência do só que pode, então, que precisa ser, ou seja, desde a repetição, a retomada de vida na sua i-mediatidade gratuita, abissal – *agora* ele toma, *retoma* sobre si a sua condição de finito, a sua necessidade, como *tudo* o que pode e o que precisa e o que deve ser. E alegra-se disso. E satisfaz-se nisso e disso. Ele até e sobretudo *cai na gandaia*, que é a alegria e a satisfação da *gaia ciência*, do saber alegre, satisfeito, *gaiato*. Até perde a circunspeção exagerada da coruja – ou do Simão Bacamarte, que passeava seu douto saber, “abotoado de circunspeção até o pescoço”, pelas ruas da pacata Itaguaí, então tornada templo do saber e centro do universo...

Ele, *Platão*, se envergonhava disso e, então, na vergonha e desde vergonha, procurava *esconder*, escamotear isso, a saber, este modo de ser, este *seu* modo irrevogável e insubstituível de ser. Ele escondia sua *fraqueza*, sua *finitude*, sua *indigência* – sua *humanidade*. Isso é que é a proteção, a superproteção que ele buscava na vergonha, desde vergonha e com vergonha. Fez-se um calo e o embruteceu, o insensibilizou. *Agora*, ele pondera: ora, por que, para que esconder, para que proteger e superproteger o que é sobra, transbordamento, superabundância – pura doação de, na *transcendência*?! Transbordamento, superabundância de pouco, de pobre, de finito, de indigência – de vida, do só que pode/precisa ser. O forte, o *poderoso*, é o exposto, o largado, o abandonado no que é e como é, ou seja, no e como limite, no e como finito, no e como o que é em sendo tudo que é e, então, tudo que pode ser – a irremediável condição de finito. Isso é tudo. O pouco, o finito, é tudo. Jovialidade, “Heiterkeit”. Para onde foi, para onde teria ido nossa jovialidade, nosso bom humor, nosso lado alegre e *gaiato*, *feliz*, nossa suficiência e satisfação (tudo isso está dizendo *Heiterkeit*), pergunta Nietzsche na *Gaia Scienza*²⁵. Forte mesmo é absolutamente não precisar ser forte... Fartura mesmo é absolutamente não precisar de nada além da *indigência que é*... Riqueza mesmo é suficiência na, da indigência...

Assim, *agora*, na *segunda* vergonha, em se envergonhando da vergonha (má consciência, *culpa*) que tinha, que teve, que *era*, *Platão* retoma, recupera a linha, o limiar perdido, abandonado no salto *para frente*, isto é, no salto em direção à *força* (*demais!*), ao *poder* (*demais!*), quer dizer, rumo ao furor e à cobiça do progresso do espírito, do otimismo da razão, do infinito do saber e do poder – sim, a Europa. *Agora*, o salto *para trás*, *de volta* – sim, em *arrependimento*, ele, *Platão*, é trazido, reconduzido à sua

²⁵ Cf. Nietzsche, F., *A Gaia Ciência*, Livro V, nr. 343.

condição necessária, isto é, ele retoma liberdade, ou seja, o ser livre para seu poder ser, que é o só e o único que pode, então, que precisa ser. Isso é, sim, nascer para a própria aurora. Uma virada, uma revirada para o velho, o antigo, o antiquíssimo – a vida, a existência, no seu irromper finito, pobre, pouco. *Tudo*. Sem além e sem aquém. Este âmbito, esta circunscrição, é o *absoluto*. Faz-se, torna-se o que é: sim, *um pobre (finito) sem vergonha!* Mas todo pudor (recato) – quer dizer, *contensão* enquanto e como guarda e resguardo do lugar, do lugar próprio; da hora, da hora própria ou do tempo, do *seu* tempo certo. *A sua pátria, o seu lar, a sua casa – a Terra*. Este, *isso é o outro, o absolutamente outro* que se abre, se põe e se impõe no e como o transbordamento de transcendência – o absolutamente *outro em presença ausente, em ausência presente*. O sagrado, *pois abissal; porque sem porquê*. Não é preciso porquê, para quê. Diante disso, frente a isso e mesmo frente e diante do ter se envergonhado todo culpa e má consciência, a *psudopuditia* – vergonha frente a isso e assim, a transcendência, isso realmente é digno de vergonha, de *arrependimento*. “Metánoia”, dizendo *virada*, diz também *arrependimento*. O Platão arrependido faz-se, *vira* um tipo alegre, satisfeito – um Sísifo, realmente feliz. Pátria, casa, lar – *Terra*.

Europa, tal como o Quixote, depois da derrocada em Barcelona, volta para *casa* (a Mancha, a *pátria*) arrependida, contrita, humilde, até humilhada – também ela, principalmente, *desarmada e descalça*. Europa é a Barcelona da Europa... Pois, afinal, a Europa, a filosofia, é mesmo uma quixotada, uma grande quixotada.

14. Agora, sim, enfim, por fim, Márcia, para fechar com o Quixote – mas o nosso, aqui do trópico. Que não é “O da Triste Figura”. Como? Por quê? Você sabe, este nosso disse e cunhou sua vida *in hoc signo*: “Não me envergonho, por ser de escuro nascimento. Órfão de conhecença e de papéis legais, é o que a gente vê mais, nestes sertões... Quem é pobre pouco se apega, é um giro-giro no vago dos gerais...” Ah, *escuro nascimento, pobre, sem vergonha, papel passado, legal, desapegado*... Tudo bem! Assim vale! Este é o *mundo, o tamanho* do mundo do homem humano – *travessia*. A Europa *cab*e aí. Ela está convidada para a festa – alegria. E: “O vau do mundo é a alegria”²⁶. *Riobaldo* – o rio à toa, o rio em vão, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro, o rio...

²⁶ Rosa, J. G., *Grande Sertão: Veredas*, op. cit. 232.

– “Zé-zim, por que é que você não cria galinhas-d’angola, como todo mundo faz?”

– “Quero criar nada, não... Eu gosto muito de mudar.”²⁷

Falou! Valeu! *Vale*.

²⁷ Ibid., 35.